

Tribuna B19

Rio de Janeiro, Terça-feira, 14 de novembro de 1989

ANA CARAM

Carimbando

O passaporte para o mundo

Arnaldo de Souteiro

Mais do que nunca, seja pelas perspectivas sombrias do país ou pelo período favorável que a nossa música atravessa no exterior, não há artista que não sonhe em fazer sucesso em terras de além-mar. Afinal, se esta sempre foi a única maneira de se alcançar projeção internacional, agora também pode significar a única chance de sobrevivência para uma carreira que não se encaixe nos baixos (em todos os sentidos) padrões do mercado nacional. Enquanto isso, na outra ponta da estória, os Estados Unidos, ainda o melhor lugar para se carimbar um passaporte para o mundo, continuam com as portas abertas, aptos a garimpar e depois lapidar (também em proveito próprio) os produtos de maior valor.

Neste processo, o lançamento de um disco é ponto essencial, podendo ocorrer basicamente de duas maneiras. Uma, mais fácil e que vem acontecendo bastante, depende apenas do interesse das matrizes das multinacionais operantes por aqui. Como o produto chega lá pronto, sem outro custo senão o da mensagem, gravadoras tipo PolyGram andam desejando grande quantidade de material sem a menor chance de sucesso comercial (vide a série Personalidade, discos de Gal, Bethânia, Alcione e Nara Leão etc); podem ser comentados pela "Down Beat", mas jamais - inclusive devido à tiragem inexpressiva, geralmente de 2 mil cópias - aparecerão na parada da "Billboard", por exemplo.

A outra maneira, esta mais difícil, exigindo esforço, dedicação e principalmente grande talento, consiste em ir batalhar in loco pelo que se almeja. A compensação, porém, uma vez conseguida a exposição, não tardará a vir, pois a carreira terá sido plantada com uma solidez muito maior. Foi buscando este reconhecimento definitivo, em vez da badalação inconsequente, que a cantora/compositora/violonista Ana Caram se mandou em 87 para os Estados Unidos, onde já estivera, por um curto período, alguns anos antes. Desta vez, contudo, partiu determinada a conquistar seu espaço à custa de qualquer sacrifício. Só não abriria mão de sua concepção, de seu som.

Agora, depois das esperadas dificuldades iniciais, o retorno deste corajoso investimento começa a aparecer através do êxito de Rio After Dark, seu primeiro disco nos States. Uma oportunidade que surgiu em julho de 88, quando o engenheiro de som Bob Katz assistiu sua atuação como convidada especial de Paquito D'Rivera na Latin Jazz Jam do JVC Festival (ex-Newport). Sem se sentir intimidada por pisar num dos palcos mais cobiçados do mundo - o do Carnegie Hall - Ana acabou não só fascinando Katz (que, em seguida, a apresentou a David Chesky, dono da Chesky Records) como foi considerada, por enviados do "NY Post", "NY Times" e "Down Beat", um dos pontos altos daquela noite.

A repercussão de Rio After Dark, perante a crítica, vem sendo extremamente favorável, descontando-se a costumeira cautela em relação a tra-

balhos de estréia. Para Thomas do Westsider, "fica difícil dizer o que faceta ela brilha mais - se como cantora ou violinista". Na "Billboard", ela apareceu na lista dos recomendados pelos editores, e a superexigente "Review" (edição de setembro) deu o seu voto para a performance de Ana. Muito entusiasmado, David Steinberg, do "New York Times" e "New York Times", classificou-a como "um sonho para os ouvidos do audiófilo".

Steinberg tropeçou, contudo, em algumas comparações, mostrando que nem os críticos norte-americanos estão por dentro da música brasileira quando querem fazer parecer. Na melhor das intenções, David sentenciou: "Ela tem uma voz remanescente de Astrud Gilberto, toca violão como Gilberto Gil e põe com a habilidade de um Luiz Bonfá. Torna-se e necessário, então, esclarecer que a principal influência de Ana, como compositora e violonista, é João Bonfá, não Gil ou Bonfá. Sem falar que, por sua invariável inexpressividade de Astrud, Ana Caram até parece a Sarah Vaughan."

Das festinhas ao Carnegie Hall

Paulista de Presidente Prudente, nascida a 1 de outubro de 58, Ana vem de uma família de músicos, na qual o pai e os cinco filhos tocam desde que se entrem por gente. "Lá em casa, eu não posso nem chorar fora do tom", brinca a